

A FAMA injusta. Veja, São Paulo, 14 fev. 1973.



Campinas, hoje, preservando a vida própria



Prefeito Péricles: com os brios ofendidos

## A fama injusta

Quando, há duas semanas, Ronald Golias, no programa "Bronco Total", duvidou da masculinidade de um personagem, coadjuvante, pelo simples fato de ele se declarar de Campinas, São Paulo, provocou uma repercussão que o próprio comediante, em fase de pouca audiência, não vem alcançando. Após assistir-lhe, o prefeito Lauro Péricles Gonçalves, recentemente empossado, num rompante de indignação, escreveu ao superintendente regional do Departamento de Polícia Federal, protestando contra as "afrontosas ofensas de pseudo-artistas da TV Record, Canal 7, ao brio, às tradições e à nobreza do povo campineiro". E desencadeou um movimento local de "protesto ao achincalhe", a que aderiram o tenente-coronel Rodolfo Pettená, da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, a Associação dos Advogados e a Associação Campineira de Imprensa, cujo presidente ameaça processar todos quantos publicamente suspeitem da virilidade de seus conterrâneos: "Há muito somos agredidos com a acusação de terra de homossexuais, mas agora chega", afirma o jornalista Carlos Tontoli. Durante toda a semana passada, a imprensa local ocupou-se do assunto e procurou revidar a "agressão". "O imoral Ronald Golias ataca o lar campineiro", disse num título um dos jornais. A campanha prosseguiu sistematicamente, mesmo depois da manhã de quarta-feira, quando o "Diário do Povo" noticiou desculpas apresentadas pela TV Record e a justificativa de não ter sido ela a emissora pioneira na "brincadeira" com a cidade.

**Rapazes de sociedade** — Na verdade, o grande pecado do comediante Golias foi ratificar na televisão um anedotário nacionalmente conhecido, cuja maledicência os campineiros não se mostram

dispostos a continuar suportando. "On-de não há homossexuais?", perguntam uns. "Eles também existem aqui, mas em número incapaz de justificar nossa reputação", acrescentam outros. Apesar do desenvolvimento urbano-industrial, Campinas (382 000 habitantes) ainda costuma punir com certo isolamento social aqueles que se desviam dos padrões éticos tradicionais. Um velho médico, misto de artista plástico e apresentador de debutantes, inspirador presuntivo do samba "Camisa Listrada", do baiano Assis Valente, que na juventude tomou atitudes publicamente homossexuais, ainda hoje é olhado de alguma distância, como se fosse espécie de personagem do folclore local.

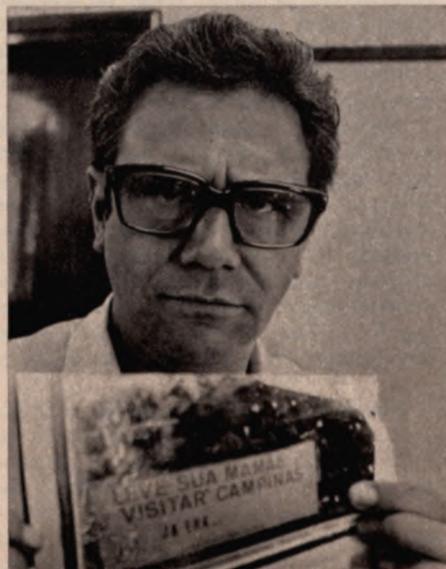
Sobre os motivos da alardeada fama, divide-se a opinião pública da cidade. Teria origem num baile de travestis, o "Baile dos Enxutos", realizado no teatro João Caetano, do Rio, a que compareceu uma delegação de quinze campineiros, explica a versão mais corren-

te. Há dúvidas, todavia, quanto à data exata, possivelmente entre 1956 e 1960, e acerca do número dos que realmente eram homossexuais, "todos rapazes de sociedade". Uma foto do grupo, dizem, saiu publicada em conhecida revista nacional e, pouco tempo depois, num jogo entre as equipes da Ponte Preta de Campinas e do XV de Novembro de Piracicaba, cidade vizinha e rival, os ponte-pretanos teriam sido saudados com faixas na base de "A torcida do XV de Piracicaba saúda as quinze de Campinas".

Mas, segundo outra explicação, a origem do anedotário estaria simplesmente na "inveja de Campinas", capital regional de uma área em que lidera e influencia cerca de setenta cidades paulistas e mais quinze do sul de Minas.

**Influência francesa** — Essa, aliás, é a tese mais convincente. Dedicada durante longos anos à lavoura do café, de meados do século XIX ao craque da Bolsa de Nova York, em 1929, Campinas produziu uma aristocracia rural extremamente fechada e de hábitos requintados, cultivadora de certa superioridade em relação aos moradores das cidades vizinhas, escravos negros ou recém-chegados imigrantes.

As famílias tradicionais, originárias de titulares do Império — barões, viscondes e condes —, seguiam o modelo de vida europeu. Em nenhuma cidade imperial brasileira, além do Rio de Janeiro, a influência francesa teria sido tão acentuada. Para receber dom Pedro II em sua casa, no ano de 1886, o conde de Três Rios mandou buscar móveis dourados em Paris. As boas casas comerciais tinham nomes como "La Ville de Vienne", "Au Monde Elegant", "Notre Dame", e vendiam "peignoirs" ou popelinas, entre muitos artigos importados. Companhias de operetas francesas apa-



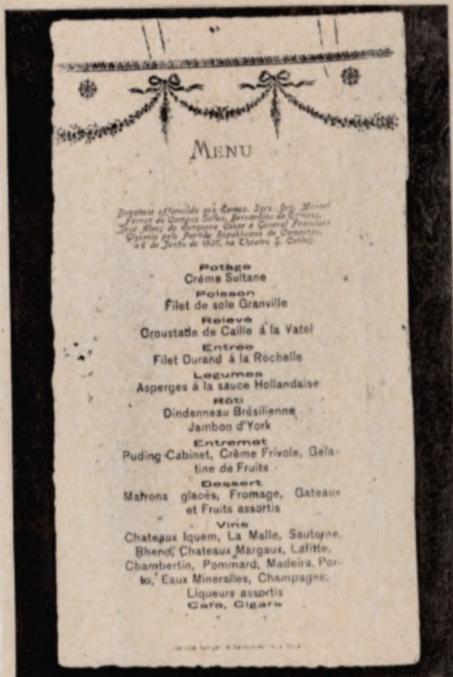
Tontoli: cansado das agressões

FOTOS DE CARLOS NAMBA

reçiam e montavam "La Chanson de Fortunio", "Mon Oscar", "La Fille de Madame Angot" ou "La Consigne est de Ronfler". Em 1886, a atriz Sara Bernhardt representou em Campinas e, naturalmente, em francês, a peça "La Dame aux Camélias", de Alexandre Dumas Filho. De resto, na correspondência e durante as refeições, servidas em baixelas brasonadas, era corriqueiro usar o francês. O barão Geraldo de Resende, a baronesa e suas três filhas raramente falavam em casa o português. O cardápio do banquete oferecido em 1907 ao ex-presidente Campos Salles, filho da

lecionavam o poeta Coelho Neto e o escritor Júlio Ribeiro.

O encerramento do chamado "Ciclo do Café", acompanhando o craque da Bolsa de Nova York, resultou na falência de muitas famílias ricas, mas não reduziu a importância econômica e social da cidade. Indústrias do porte da Bendix, Equipamentos Clark, General Electric, Merck, Pirelli-Dunlop, Robert Bosch e Singer começaram a se instalar no município, algumas nas margens da moderna rodovia Anhangüera. Os sobradões coloniais, berços da antiga aristocracia, cederam lugar aos grandes edifícios. Apesar de ficar a 90 quilômetros de São Paulo, Campinas preservou a sua



**Banquete a Salles: muita finesse**

terra, apresentava "dindenneau brésilienne, gelatine de fruits, marrons glacés, eaux minérales, liqueurs assortis et cigars".

**O novo nome** — Era natural que essa requintada maneira de viver causasse certo pasmo nas populações vizinhas. Quando passava por Limeira, Jundiá, Piracicaba, Moji-Mirim, Bragança Paulista ou Indaiatuba, a caminho de Campinas, o visitante era geralmente advertido do "orgulho campineiro". Diziam, com certo travo de malícia, que "o povo de lá" não se cumprimentava nas ruas para dar impressão de que a cidade era muito grande. Na chegada, porém, alguns indícios pareciam confirmar o aviso. Na estação ferroviária haveria duas placas de sinalização, uma anunciando "trens para a capital", outra, "trens para o interior". Nas ruas, os homens vestiam trajes sóbrios e as mulheres seguiam rigorosamente a moda internacional. No colégio denominado "Culto à Ciência",



**Plásticos: a resposta proibida**

vida própria e a finesse de seu povo. A Sociedade Hípica e o Tênis Clube continuam selecionando seus sócios dentro dos mesmos critérios rígidos. E a fama do campineiro "orgulhoso" foi substituída pela do campineiro "homossexual", ou seja, a "inveja" e a "agressão" somente mudaram de nome.

Nos últimos anos, é raro o natural de Campinas que não sofreu os eflúvios da nova reputação. No ano passado, a Delegacia de Trânsito proibiu a primeira tentativa de uma enérgica "resposta" local: plásticos adesivos que, colocados nos vidros traseiros dos automóveis, diziam: "Leve sua mamãe para visitar Campinas" ou "Campineiro com muito orgulho", frase esta acompanhada do símbolo genético do sexo masculino. A atitude do prefeito Lauro Péricles Gonçalves, contra o programa "Bronco Total", apenas autoriza os campineiros a iniciarem uma reação que, apesar de seus duvidosos resultados, parece ter justos motivos.